

O LEGADO ESTRUTURALISTA: A LINGÜÍSTICA DE SAUSSURE E SUAS PROJEÇÕES NA SEMIÓTICA FRANCESA

EL LEGADO ESTRUCTURALISTA: LA LINGÜÍSTICA DE SAUSSURE Y SUS PROYECCIONES
EN LA SEMIÓTICA FRANCESA

THE STRUCTURALIST LEGACY: SAUSSUREAN LINGUISTICS AND ITS PROJECTIONS IN
FRENCH SEMIOTICS

Ricardo Loiola Vieira*

Universidade de São Paulo

RESUMO: Este artigo tem por objetivo apresentar uma revisão teórica acerca do fenômeno linguístico à luz da perspectiva estrutural da linguagem, denominada como Estruturalismo, além de lhe visibilizar a importância ao longo das décadas e mostrar que se mantém operacionalizável e atual em estudos contemporâneos acerca da língua e da linguagem, como, por exemplo, na sua relação direta com a formação da Semiótica Francesa. Embora essa corrente apresente diversas ramificações no campo da Linguística, sobretudo a moderna, a presente discussão restringir-se-á ao Estruturalismo desenvolvido por Ferdinand de Saussure, uma vez que esse autor conferiu à língua um estatuto singular, estabelecendo bases fundamentais para a constituição da Linguística como ciência no contexto das ciências modernas. Nessa abordagem, portanto, serão examinadas as dicotomias saussurianas que sustentam essa teoria, a saber: língua e fala, significante e significado (com especial atenção a esta, posto que fundamenta a linha semiótica já indicada), sintagma e paradigma, sincronia e diacronia. Ademais, intenta-se fazer verificar a progressão dos estudos linguísticos ao longo da história, ainda que recortadamente, até o momento presente, em particular pelo desdobramento da glossemática hjelmsleviana e, em seguida, da semiótica greimasiana.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística. Linguagem. Estruturalismo. Dicotomias saussurianas.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo presentar una revisión teórica sobre el fenómeno lingüístico desde la perspectiva estructural del lenguaje, conocida como Estructuralismo, además de destacar su importancia a lo largo de las décadas y demostrar que sigue siendo operativa y vigente en los estudios contemporáneos sobre la lengua y el lenguaje. En este sentido, se analizará, por

* Doutorando em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor de Português de curso pré-vestibular. E-mail: ricardoloiola@usp.br.

ejemplo, su relación directa con la formación de la Semiótica Francesa. Aunque esta corriente presenta diversas ramificaciones dentro del campo de la Lingüística, especialmente en su vertiente moderna, la presente discusión se limitará al Estructuralismo desarrollado por Ferdinand de Saussure, dado que este autor otorgó a la lengua un estatuto singular, estableciendo principios fundamentales para la constitución de la Lingüística como una ciencia dentro del contexto de las ciencias modernas. Desde esta perspectiva, se examinarán las dicotomías saussurianas que sustentan esta teoría, a saber: lengua y habla, significante y significado (con especial atención a esta última, ya que fundamenta la línea semiótica previamente señalada), sintagma y paradigma, sincronía y diacronía. Además, nuestro propósito es evidenciar la evolución de los estudios lingüísticos a lo largo de la historia, aunque de manera selectiva, hasta la actualidad, en particular a través del desarrollo de la glossemática hjelmsleviana y de la semiótica greimasiana.

PALABRAS CLAVE: Lingüística. Lenguaje. Estructuralismo. Dicotomías saussurianas.

ABSTRACT: This article aims to present a theoretical review of the linguistic phenomenon from the perspective of the structural approach to language, known as Structuralism, highlighting its significance over the decades and demonstrating its continued applicability and relevance in contemporary studies on language and linguistics. A particular focus will be placed on its direct relationship with the development of French Semiotics. Although Structuralism has led to various branches within modern Linguistics, this discussion will be limited to the Structuralism developed by Ferdinand de Saussure, given that he granted language a unique status and established fundamental principles for the constitution of Linguistics as a scientific discipline within the modern scientific framework. Thus, this study will examine the Saussurean dichotomies that underpin this theoretical model, namely: langue and parole, signifier and signified (with special emphasis on this pair, as it serves as the foundation for the aforementioned semiotic approach), syntagm and paradigm, and synchrony and diachrony. Furthermore, this article intends to provide an overview of the historical progression of linguistic studies up to the present, with particular attention to the developments introduced by Hjelmslev's Glossematics and Greimasian Semiotics.

KEYWORDS: Linguistics. Language. Structuralism. Saussurean dichotomies.

1 INTRODUÇÃO

Historicamente, é relevante destacar que os fenômenos linguísticos sempre despertaram grande interesse entre os estudiosos, o que motivou, desde a Antiguidade, intensas reflexões e debates acerca da estruturação da linguagem e das línguas, bem como da organização e do funcionamento de seus elementos constitutivos. Filósofos, filólogos e gramáticos da tradição clássica, por exemplo, já se ocupavam de questões fundamentais, como a origem da linguagem, a relação entre as palavras e os objetos que elas designam e os princípios que regem a estrutura das línguas.

Ao longo dos séculos, então, diferentes correntes de pensamento procuraram oferecer explicações sistemáticas para esses fenômenos, propondo modelos teóricos distintos sobre a natureza da língua e seu papel na comunicação e na cognição humana. Essas tentativas refletem a preocupação constante em compreender os mecanismos subjacentes à linguagem, reconhecida não apenas como um instrumento de interação social, mas também como um fenômeno estruturado e regido por princípios internos específicos.

Preliminarmente, os estudos da linguagem foram profundamente influenciados pelo racionalismo, concepção segundo a qual a língua é entendida como uma representação do pensamento e regida por princípios lógicos e racionais. Nesse contexto, desenvolveu-se a *Gramática de Port-Royal*, formulada no século XVII, que se tornou um modelo de referência para diversos gramáticos da época, ao propor uma abordagem estruturada e normativa da linguagem, daí a perspectiva do que se chama, até hoje, como *norma-padrão*. Posteriormente, com o advento dos estudos históricos, a análise da língua passou a enfatizar sua dinamicidade, de modo a demonstrar que sua transformação ocorre de maneira contínua e independente da vontade dos falantes, pois obedece a processos internos que apresentam certa regularidade. Com o desenvolvimento do pensamento estruturalista, a investigação linguística voltou-se, primeiramente, para a segunda articulação da linguagem, isto é, para os elementos mínimos que compõem os sistemas linguísticos, e, em seguida, para o estudo dos signos e das inter-relações que os constituem. Nesse modelo estruturalista, a

língua passou a ser concebida como um sistema de signos interdependentes, nos quais o significado emerge das relações estabelecidas dentro de um determinado contexto sociocultural.

Dessa forma, as concepções estruturais da linguagem encontraram ampla aceitação na Europa, consolidando-se como um paradigma influente nos estudos linguísticos. O Estruturalismo, ao redefinir os pressupostos teóricos da área, foi fundamental para a constituição da Linguística como disciplina autônoma, ao estabelecer a língua como seu objeto de estudo. Nessa perspectiva, a língua é concebida como um sistema estruturado de signos interdependentes, em que cada unidade só adquire valor em função das relações que mantém com os demais elementos do conjunto. Assim, a significação não é inerente a um signo isolado, mas resulta das conexões que este estabelece dentro do sistema linguístico, reforçando a visão de que a língua é um todo organizado e regido por princípios internos de funcionamento.

Portanto, fica evidente a relevância dos estudos de Saussure, que ultrapassam os limites do Estruturalismo e permanecem atuais nas investigações linguísticas contemporâneas. Sua concepção de língua influenciou não apenas a Linguística de base estrutural, mas também desdobramentos teóricos futuros, tais como a Semiótica Greimasiana (a que nos voltaremos mais), a Análise do Discurso e os estudos sobre a variação e mudança linguística. A distinção entre língua e fala, por exemplo, ainda fundamenta discussões sobre a competência e o desempenho linguístico, enquanto os conceitos de significante e significado são essenciais para as análises de sentido e comunicação em diversas abordagens teóricas. Outrossim, seu modelo de análise estruturada reverbera nas teorias pós-estruturalistas, que, embora critiquem ou ampliem suas ideias, ainda se baseiam em seus princípios para compreender a construção do sentido e a relação entre linguagem, sociedade e cultura. Assim, a teoria saussuriana permanece um marco essencial para os estudos da linguagem, sobretudo por demonstrar sua capacidade de dialogar com abordagens teóricas mais recentes e reafirmar a centralidade da Linguística na compreensão dos fenômenos discursivos e comunicativos que englobam a vida humana.

Por último, esperamos que este panorama, ainda que sucinto, seja suficiente para demonstrar o plano de fundo que emoldura boa parte do conhecimento linguístico desenvolvido desde meados do século XII até o XXI, no ocidente.

2 BREVE HISTÓRIA DO ESTRUTURALISMO E SEUS DESDOBRAMENTOS

O Estruturalismo emerge na Europa a partir das inovadoras contribuições acerca da linguagem desenvolvidas pelo linguista genebrino Ferdinand de Saussure, cujas ideias revolucionaram os estudos linguísticos de então. Desde a juventude, Saussure demonstrou grande dedicação à investigação da linguagem, manifestando insatisfação com os princípios e os métodos tradicionais vigentes na época. Em 1906, assumiu a cátedra na Universidade de Genebra, onde teve a oportunidade de expor e sistematizar sua visão sobre a Linguística Geral. Suas reflexões, mesmo que não tenham sido publicadas em vida, foram posteriormente organizadas e editadas por dois de seus estudantes, Charles Bally e Albert Sechehaye, que, a partir das notas de suas aulas ministradas entre 1907 e 1911, compilaram a obra *Curso de Linguística Geral* (1916). Esse livro tornou-se um marco nos estudos da linguagem, visto que estabeleceu as bases teóricas do Estruturalismo e influenciou profundamente as abordagens subsequentes da Linguística e de outras áreas do conhecimento.

Além de suas contribuições fundamentais para o Estruturalismo, Saussure também se dedicou a outros domínios dos estudos linguísticos, tais como a investigação sobre as vogais do indo-europeu, uma análise inovadora que influenciou os estudos históricos da fonologia, e a pesquisa sobre anagramas, na qual buscava identificar padrões sonoros recorrentes na estrutura dos textos poéticos antigos. Mesmo que esses estudos tenham representado avanços importantes no campo da Linguística, o que realmente o consagrou foi a formulação de novos conceitos estruturais sobre a língua, os quais transformaram a disciplina, porque conferiu-lhe um estatuto científico. Até então, a Linguística carecia de um método sistemático e de um objeto de estudo claramente delimitado, o que dificultava seu reconhecimento como ciência autônoma. Foi a partir das reflexões de Saussure que a língua passou a ser concebida como um sistema de signos interdependentes, cuja análise exigia um enfoque próprio, dissociado das abordagens tradicionais que a vinculavam à lógica, à filosofia e/ou à filologia.

Convém destacar que, embora a Linguística já apresentasse um processo de constituição desde o século XVII, especial e inicialmente com as gramáticas gerais, cuja preocupação central era a busca por princípios universais subjacentes a todas as línguas, e, posteriormente, com as gramáticas comparadas, que se dedicavam à análise genealógica e evolutiva das línguas, sua consolidação como ciência autônoma só ocorreu no século XX, com a formulação teórica do linguista genebrino. Foi a partir de suas concepções, portanto, que a Linguística passou a ser reconhecida como uma disciplina independente, dotada de um objeto de estudo específico – a língua enquanto sistema estruturado – e de métodos próprios de investigação, distintos daqueles empregados por outras áreas do conhecimento. Assim, Saussure não apenas redefiniu a maneira como a linguagem era analisada, mas também inaugurou um paradigma teórico que influenciaria profundamente os estudos linguísticos e diversas outras ciências humanas, como a Antropologia, a Psicanálise e até a Filosofia da Linguagem.

Na esteira dessa discussão, a proposta saussuriana concebe a língua como um sistema de signos, no qual a significação de cada unidade não é inerente e motivada, mas sim determinada pelas relações de valor que os signos estabelecem entre si. Para ela, a língua organiza-se de maneira sistemática, posto que forma um todo estruturado fundamentado em oposições. Nesse contexto, Saussure introduz uma abordagem *dicotômica da linguagem*, ao passo que estabelece distinções/dicotomias fundamentais, como *língua e fala, sincronia e diacronia, significado e significante, sintagma e paradigma* (sobre os quais falaremos mais detidamente no tópico seguinte). Com base nessas dicotomias, que se referem à organização da língua em pares opositivos, nos quais cada termo só adquire sentido em relação ao outro, tais oposições estruturam a análise linguística e evidenciam a interdependência dos elementos do sistema. Saussure propõe, com isso, um novo método para a análise dos fenômenos linguísticos, cuja essência é a investigação das relações internas que estruturam a língua. Essa perspectiva inovadora é definida por Mattoso Camara (1986, p. 11) nos seguintes termos:

[...] é uma nova forma de encarar os fenômenos linguísticos porque faz com que a significação dependa, completa e exclusivamente, das suas relações íntimas e liberta esta concepção de outros postulados, falsos ou unilaterais, que tinham sido explicitamente enunciados e através dos quais se devia deduzir a existência de relações vagas e indistintas.

Diversos discípulos de Saussure empenharam-se em aprofundar e esclarecer suas teorizações sobre a língua, enquanto outros utilizaram sua teoria como ponto de partida para explorar aspectos da Linguística que o mestre não abordou diretamente. Antoine Meillet, por exemplo, dedicou-se à gramática comparativa do indo-europeu, contribuindo para os estudos históricos da Linguística, enquanto Charles Bally voltou-se para a estilística, investigando os efeitos expressivos e subjetivos da linguagem. Já Albert Sechehaye e Alan Gardiner concentraram-se na distinção entre discurso e língua, pois buscaram refinar a compreensão dessa relação na teoria saussuriana. Por sua vez, Joseph Vendryes propôs uma abordagem sociológica da linguagem ao enfatizar o papel das interações sociais na estrutura e no funcionamento linguístico.

Ainda por esse viés, um exemplo ainda mais contundente a respeito da magnitude dos postulados de Saussure e de sua continuação, tendo como base seu *Curso de Linguística Geral*, é a dimensão do *signo*, que é a unidade básica da linguagem e é composto por duas partes: o *significante* e o *significado*. O significante é a parte material do signo, ou seja, a imagem acústica que representa o signo. Já o significado é a parte conceitual do signo, ou seja, a ideia ou conceito que ele representa. Como se sabe, o signo é uma entidade psíquica que resulta da união do significante e do significado, e essa união é arbitrária, ou seja, não há uma relação natural entre o significante e o significado. O signo é, portanto, uma convenção social que é aprendida e compartilhada pelos membros de uma comunidade linguística (Saussure, 2017).

Assim sendo, Louis Hjelmslev (linguista dinamarquês e um dos principais continuadores da Linguística de base saussuriana), em obra denominada *Prolegómenos a uma teoria da linguagem*, por meio de uma *Glossemática*¹, reformulou o conceito de *signo* de Saussure de modo a conseguir reunir em um único modelo as dicotomias de *significante/significado* e *língua/fala* (Hjelmslev, 1975). Para Hjelmslev (1975), o resultado da semiose é uma função semiótica que reúne um *plano de expressão* e um *plano de conteúdo* que

¹ Teoria criada pelo linguista dinamarquês Louis Hjelmslev (1899-1965) que, com base nos ensinamentos de Saussure, considera a língua uma unidade em si mesma e por si mesma, como forma ou estrutura independente da substância. Diferentemente de Saussure, Hjelmslev introduz a distinção entre forma e substância em dois planos: plano da expressão (relacionado à materialidade dos signos) e plano do conteúdo (ligado aos significados).

só divergem, consecutivamente, do significante e significado globais saussurianos na maneira em que concebem a forma linguística: para Saussure (2017), a reunião de duas substâncias produz uma forma linguística única, ponto do qual diverge Hjelmslev (1975), que distingue uma forma e uma substância autônomas para cada plano da linguagem. É a reunião entre as respectivas formas de cada um dos planos, expressão e conteúdo, que constituem a forma semiótica posteriormente desenvolvida por Algirdas Julien Greimas e seus seguidores na chamada Semiótica Francesa. O quadro abaixo, adaptado de Tatit (2014, p. ?), pode ilustrar melhor o procedimento teórico operado por Hjelmslev (1975):

Quadro 1 – Reformulação da dicotomia saussuriana: significante e significado

		Plano da Expressão (significante)	Plano do conteúdo (significado)
FORMA (língua)	Forma da expressão	Forma do conteúdo	
SUBSTÂNCIA (fala)	Substância da expressão	Substância do conteúdo	
		Fonte: elaborado pelo autor	

Figura 1: significante e significado

Fonte: Tatit (2014)

De posse das informações discutidas nos parágrafos anteriores, bem como a partir do quadro acima, é notável que a contribuição de Saussure atravesse décadas e se destaque até mesmo contemporaneamente. Contudo, ainda que outros linguistas também tenham se influenciado pelas ideias dele, o Estruturalismo perdurou, sem grandes modificações, até os anos 50, momento em que Noam Chomsky, linguista americano, propôs uma teoria explicativa para a linguagem: o Gerativismo. De lá para cá, no entanto, diversos outros trabalhos se formaram com a base deixada pelos estudos saussurianos, haja vista o modelo de Semiótica desenvolvido por Greimas, como já apontado, que versa basicamente sobre o sentido e seu percurso, daí a importância do legado do mestre genebrino, o que indica a atualidade e a extensão de seus trabalhos.

3 AS DICOTOMIAS SAUSSURIANAS

3.1 LÍNGUA E FALA

Fundamentada na oposição entre o social e o individual, a distinção entre *língua* e *fala* constitui um dos pilares da teoria estrutural da linguagem. Segundo Saussure (2017), a língua configura-se como um fato social, sendo um sistema de signos regido por convenções compartilhadas pelos falantes de uma comunidade linguística. Já a fala, por sua vez, corresponde à realização individual desse sistema, ou seja, ao uso concreto da língua por cada falante em situações específicas. Apesar dessa distinção, Saussure (2017) ressalta a interdependência entre língua e fala, pois a língua só se manifesta por meio da fala, e esta, por sua vez, só é inteligível porque está ancorada no sistema linguístico estruturado, isto é, uma não existe sem a outra. Dessa forma, para ele, a língua constitui a base necessária para que a fala ocorra e seja compreendida, consolidando-se esta como o objeto central da Linguística (Saussure, 2017).

A língua é uma ferramenta de controle e propagação de ideologias, que só existe na mente daqueles que a falam, ou seja, uma forma manifesta de dominação. Ela não é empregada em termos tangíveis, é uma representação abstrata da realidade que só se materializa por meio da fala, de caráter único. Portanto, Saussure (2017) sustenta que a língua é um conjunto de signos, cuja essência é a combinação do significado e da imagem acústica. Logo, verifica-se que ela “[...] é um tesouro depositado pela prática da parole em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade” (Saussure, 2017, p. 23), por conseguinte, ela se apresenta como acervo linguístico.

Ao considerar que a língua não é uma propriedade individual, que ninguém é dotado/possuidor dela e que ela só se completa a partir da coletividade, Saussure (2017) a considera uma instituição social. Ela é formada pelas convenções estabelecidas por uma sociedade, não podendo ser modificada por apenas um membro desta. Além disso, é um sistema de signos, cuja função é expressar ideias. Ela é organizada e funcional, sendo de natureza homogênea. A fala, por outro lado, é considerada um instrumento de expressão e execução individual, cujo objetivo é expressar o pensamento pessoal. Sendo assim, é heterogênea e multifacetada, ou seja, difusa, sendo peculiar a cada indivíduo que dispõe das combinações linguísticas necessárias para a realização da língua. A fala, portanto, é assistemática, o que torna possível uma variedade quase infinita de configurações linguísticas (Saussure, 2017).

Ao empregar o termo *forma* no sentido de *essência*, Saussure (2017) estabelece que a língua se define pela forma, e não pela *substância*, uma vez que possui caráter sistemático e estrutura organizada. A forma é determinada pelo conjunto de relações entre os elementos linguísticos, ao passo que a substância corresponde aos elementos que emergem dessas relações. No interior do sistema linguístico, é possível construir sentenças que apresentem variações na substância, ou seja, desvios de coesão que, entretanto, não afetam a forma, a qual é essencial para o funcionamento da língua. Uma sentença como “Nós fez”, no lugar da norma-padrão “Nós fizemos”, por exemplo, contém uma inadequação de substância, mas mantém a integridade formal, pois seus constituintes (sujeito e predicado) estabelecem uma relação sintática válida, visto que há gramaticalidade. Dessa maneira, Saussure (2017) atribui à substância o papel de articular-se com a forma, de modo que a língua se relacione com a forma da mesma maneira que a fala se vincule à substância, sendo ambas interdependentes e inseparáveis.

Consequentemente, verifica-se que, segundo essa teorização, a língua possui um caráter sistemático, contudo, seus elementos estão sujeitos a transformações ao longo do tempo, muitas das quais ocorrem sem serem perceptíveis à coletividade. Diante desse aspecto, Saussure (2017) atribui primazia absoluta ao estudo da língua, uma vez que, enquanto ciência, a Linguística deve restringir-se à investigação do que é sistemático e permanente, isto é, à *langue*. Conforme sua concepção, a análise linguística deve concentrar-se nas relações estabelecidas entre os elementos constituintes do sistema e nas funções que desempenham, desconsiderando aspectos extrassistemáticos, tais como o modo de formação, a estrutura acústica, as variantes morfonêmicas, entre outros.

3.2 SINCRONIA E DIACRONIA

Outra distinção fundamental estabelecida por Saussure (2017) em seus estudos linguísticos é a oposição/dicotomia entre *sincronia* e *diacronia*. Segundo ele, os fatos linguísticos podem se relacionar simultaneamente em um dado momento do sistema da língua ou, alternativamente, estabelecer conexões com fenômenos antecedentes ou subsequentes dentro desse mesmo sistema. Com base nessa distinção, Saussure (2017) concebe dois eixos fundamentais: o da simultaneidade e o da sucessividade. No primeiro, de natureza horizontal, os fenômenos linguísticos coexistem de forma atemporal, constituindo um estado da língua. No segundo, de caráter vertical, os fenômenos linguísticos ocupam posições sucessivas no tempo e devem ser analisados isoladamente, a fim de identificar as transformações sofridas pelos elementos do primeiro eixo ao longo de sua evolução histórica.

Aos fenômenos que ocorrem no eixo das simultaneidades corresponde a *sincronia*, e aos que ocorrem no eixo das sucessividades corresponde a *diacronia*. Assim, Saussure (2017) utilizou uma escala para ilustrar seu pensamento (referência abaixo), em que *AB* = *sincronia* e *CD* = *diacronia*, conforme figura 2:

Quadro 2 – Eixo das simultaneidades (AB) e eixo das sucessões (CD)

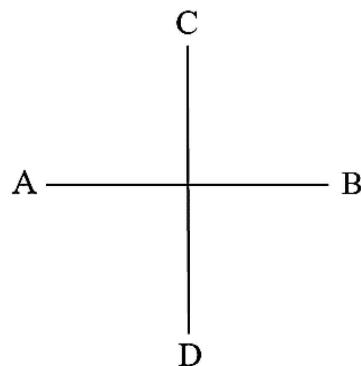


Figura 2: eixos saussureanos

Fonte: Saussure (2017, p. 121)

Logo, sincronia e diacronia se apresentam bem diferentes; a primeira corresponde à gramática de uma língua: “À sincronia pertence tudo o que se chama ‘gramática geral’, pois é somente pelos estados de língua que se estabelecem as diferentes relações que incumbem à gramática” (Saussure, 2017, p. 117); enquanto a segunda corresponde à fala. Por conseguinte: “[...] tudo quando seja diacrônico na língua, não o é senão pela fala. É na fala que se acha o germe de todas as modificações: cada uma delas é lançada, a princípio por um certo número de indivíduos, antes de entrar em uso.”(Saussure, 2017, p. 115).

Ao analisar-se, por exemplo, o verbo [*pôr*], pode-se afirmar que, diacronicamente, é um verbo da 2ª conjugação por causa de sua forma arcaica [*poer*], que era seu infinitivo. Entretanto, sincronicamente ele pertence à 2ª conjugação porque as formas [*pudesse*], [*puser*], [*põe*] etc. comprovam que sua vogal temática é [e]. Assim, Saussure (2017, p. 96) diz que: “É sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência; diacrônico tudo que diz respeito às evoluções”.

A diacronia, portanto, diz respeito às transformações, mudanças ou alterações que os elementos do sistema linguístico sofrem ao longo de seu uso na língua, enquanto a sincronia refere-se ao estado em que esses elementos se encontram em um determinado momento (seja no passado ou no presente), independentemente dos eventos linguísticos que os antecederam ou sucederam no tempo. Enquanto a diacronia envolve a sucessão temporal e as modificações graduais dos signos e das estruturas linguísticas, a sincronia analisa o funcionamento interno do sistema linguístico em um instante específico, sem levar em conta o percurso histórico dos elementos que o compõem. Assim, ambos os conceitos são fundamentais para a compreensão do funcionamento da língua, mas operam a partir de perspectivas metodológicas distintas, especialmente porque:

Em resumo, a língua não se apresenta como um conjunto de signos delimitados de antemão, dos quais bastasse estudar as significações e a disposição; é uma massa indistinta na qual só a atenção e o hábito nos podem fazer encontrar os elementos particulares. A unidade não tem nenhum caráter fônico especial e a única definição que dela se pode dar é a seguinte: uma porção de sonoridade que, com exclusão do que precede e do que segue na cadeia falada, é significante de um certo conceito (Saussure, 2017, p. 148).

Em seus estudos linguísticos, Saussure (2017) deu prioridade à sincronia, pois considerava que, sendo a língua um sistema de valores, sua análise deveria partir da estrutura tal como se manifesta em um dado instante. Isso se deve ao fato de que apenas esse estado momentâneo é perceptível aos falantes, uma vez que eles não têm consciência da sucessão dos fatos linguísticos no tempo, aspecto que constitui a diacronia. Para o linguista, assim, o estudo diacrônico implica na consideração de elementos que já não fazem parte do estado presente do sistema, o que dificulta sua observação direta. Dessa forma, torna-se inviável a investigação simultânea dos fenômenos sincrônico e diacrônico, especialmente devido à abundância e à complexidade dos signos que compõem a língua, cuja estrutura interna se organiza por meio de relações que só podem ser plenamente compreendidas dentro de um determinado recorte temporal.

3.3 SIGNIFICANTE E SIGNIFICADO

Uma terceira dicotomia na visão estrutural da linguagem diz respeito à constituição interna do signo linguístico, que se divide em *significante* e *significado*. Como já foi abordado, a língua é concebida como um sistema de signos, e sua essência reside na associação entre um *conceito* e uma *imagem acústica*. Essa relação é intrínseca ao funcionamento do sistema linguístico, pois cada signo se caracteriza justamente pela união indissociável entre esses dois elementos, como o verso e o reverso de uma moeda.

No *Curso de Linguística Geral*, Saussure (2017) ilustrou essa concepção por meio de um esquema no qual o *significante* corresponde à representação sonora ou gráfica do signo, enquanto o *significado* designa o conceito associado a essa forma; dito de outro modo, é a ideia que se tem do signo. Essa interdependência entre significante e significado evidencia a natureza arbitrária do signo linguístico, ou seja, a ausência de uma relação necessária entre a forma sonora e o conceito que ela representa. Dessa maneira, o signo não possui uma ligação natural com o objeto ao qual se refere, mas é determinado pelo próprio sistema da língua e pelas convenções estabelecidas entre os falantes. Para tanto, vejamos a figura 3:

Quadro 3 – Dimensão do signo linguístico



Figura 3: dimensões do signo

Fonte: Saussure (2017, p. 107)

A representação mental, ou conceito, associada a uma palavra denomina-se *significado*, sendo a parte abstrata que corresponde à ideia vinculada ao signo linguístico. Por outro lado, a *imagem acústica*, ou seja, a impressão psíquica que se tem do som ao enunciar a palavra, é denominada *significante*. Esses dois elementos constituem as faces indissociáveis do signo linguístico, de modo que sua existência é mutuamente dependente dentro do sistema da língua (Saussure, 2017).

No funcionamento linguístico, é impossível conceber conceitos ou ideias que não estejam associados a uma forma sonora específica, assim como não é possível imaginar formas sonoras que não correspondam a conceitos ou significados determinados. Essa interdependência entre significante e significado demonstra a unidade essencial do signo linguístico, sendo essa relação uma das bases do sistema proposto por Saussure (2017), o qual organiza a língua como um conjunto de signos inter-relacionados que ganham sentido por sua posição e função dentro do todo estrutural. Com isso, tem-se que “[...] os termos implicados no signo são ambos psíquicos e estão unidos, em nosso cérebro, por um vínculo de associação” (Saussure, 2017, p. 80).

Sendo a língua um sistema em que os signos são estabelecidos por convenção social, o vínculo associativo que conecta as duas faces do signo linguístico – o significante e o significado – é caracterizado por sua ausência de motivação natural. Isso significa que não existe uma relação intrínseca ou necessária entre a forma sonora (significante) e o conceito (significado) a ela associado. Por essa razão, Saussure (2017) define o signo linguístico como sendo *arbitrário*, ou seja, a relação entre significante e significado depende exclusivamente de um acordo tácito consolidado no interior de uma comunidade linguística.

Entretanto, o caráter arbitrário do signo não implica liberdade para que os falantes modifiquem sua estrutura ou o vínculo entre suas faces. O signo é regido pela *convenção*, sendo necessário que ele seja aceito e consagrado por uma coletividade para se estabilizar no sistema da língua. Assim, sua arbitrariedade está intrinsecamente vinculada à sua imutabilidade. Uma vez estabelecido, o signo linguístico não pode ser alterado de forma individual ou espontânea, dado que sua estabilidade é garantida pelo consenso social, essencial para a comunicação e para o funcionamento do sistema linguístico como um todo. Assim, tem-se que: “Justamente porque é arbitrário, não conhece outra lei senão a da tradição, e é por basear-se na tradição que pode ser arbitrário” (Saussure, 2017, p. 88).

Curiosamente, a diversidade existente entre as línguas reforça e ilustra a característica arbitrária do(s) signo(s) linguístico(s). Essa arbitrariedade pode ser observada no fato de que diferentes línguas utilizam significantes distintos para representar um mesmo conceito compartilhado por todas elas. Por exemplo, o conceito de *cavalo* é expresso por meio do significante [cavalo] em português, [horse] em inglês e [cheval] em francês. Esses exemplos demonstram que a relação entre significante e significado é definida por convenções específicas de cada comunidade linguística, sem qualquer motivação natural que vincule uma sequência fônica a um determinado conceito.

Logo, o princípio da arbitrariedade fundamenta-se na ideia de que não existe uma razão intrínseca para que um conceito seja associado a uma sequência fônica específica. Dessa forma, qualquer sequência fônica poderia, em teoria, ser vinculada a qualquer conceito, desde que essa associação fosse legitimada e consagrada pela comunidade linguística. Assim, o caráter arbitrário do signo é o que permite a multiplicidade de formas linguísticas existentes, uma vez que cada língua organiza seu sistema de signos de maneira autônoma, respeitando apenas as convenções estabelecidas internamente. Os exemplos apresentados – em português, inglês e francês – evidenciam como essa arbitrariedade se manifesta no funcionamento da língua, sustentando a relação entre significante e significado por meio de acordos sociais.

No que se refere às onomatopeias e interjeições, Saussure (2017) argumenta que, embora suas formas fônicas possam sugerir uma relação com a realidade que evocam, esses elementos não são constitutivos do sistema linguístico propriamente dito. Ele destaca que nem sempre há uma relação evidente e sistemática entre significante e significado nesses casos. Além disso, as onomatopeias e interjeições variam de língua para língua, o que acaba por demonstrar que não se tratam de imitações fiéis ou diretas de ruídos e sons naturais. Quando incorporadas à língua, esses elementos sofrem processos de evolução fônica, sendo posteriormente convencionalizados de maneira semelhante aos demais signos linguísticos. Essa transformação faz com que percam parte de seu caráter mais originário e espontâneo, sobretudo por adquirir propriedades regidas pelas normas do sistema linguístico ao qual passam a pertencer.

Outra característica central do signo linguístico, conforme Saussure (2017), é sua *linearidade*. Nesse contexto, cada elemento da língua se distingue dos demais, estabelecendo relações contrastivas. Essa característica implica que não é possível emitir dois fonemas simultaneamente, uma vez que os elementos da língua são discretos e organizados em uma sequência linear. Mesmo quando os fonemas de um sintagma não são plenamente compreendidos, o falante precisa fazer uma escolha, já que não há elementos intermediários na emissão dos sons. Por exemplo, é necessário optar entre pronunciar [mente] ou [dente], [louco] ou [rouco], porque evidencia-se que os elementos linguísticos só podem ser articulados sucessivamente. É importante notar que, enquanto o significante possui essa organização linear, o significado, por sua vez, não é uma sucessão e não se constitui por partes. Dessa forma, a linearidade é uma propriedade exclusiva do significante, que organiza os elementos da língua em uma sequência perceptível.

3.3.1 A dicotomia significante e significado e a fundação da semiótica francesa

A Semiótica Francesa, formulada por Algirdas Julien Greimas, está enraizada na tradição estruturalista da linguagem, tendo como referências centrais os estudos de Ferdinand de Saussure e a reformulação teórica da dicotomia *significado* e *significante* operada por Louis Hjelmslev. O ponto de partida dessa teoria é a necessidade de compreender o funcionamento da significação para além dos limites impostos pela linguística tradicional. Como aponta Fiorin (2003), Greimas busca construir um modelo que explique a produção do sentido nos discursos e narrativas, sendo, por essa lógica, todos os textos e discursos espécies de narrativas.

Esse projeto teórico visa a compreender o fenômeno da linguagem em si mesmo, faz da compreensão da linguagem um fim em si mesmo. Um tratamento científico do fenômeno linguístico permitiria, segundo Hjelmslev, um patamar homogêneo de comparação das línguas e possibilitaria o estabelecimento de uma linguística genética racional. Em seus Prolegômenos, o linguista dinamarquês procura estabelecer as bases de uma teoria da linguagem. Diante do desconhecimento da linguagem em si mesma, é legítimo propor um objeto teórico que busque entendê-la. Hjelmslev nega radicalmente a tradição lingüística anterior. Para ele, o único teórico que merece ser tratado como pioneiro é Ferdinand de Saussure (Fiorin, 2003, p. 21-22).

A semiótica, dessa forma, toma como ponto de partida o projeto hjelmsleviano, isto é, uma visão da linguagem que não se limita à estrutura fonológica e morfológica da língua, mas que se estende a todos os processos de significação. A partir desse princípio, Greimas propõe uma abordagem da significação que se fundamenta na organização interna dos textos e discursos, afastando-se da visão tradicional que via o signo como uma unidade fechada e fixa (Fiorin, 2003).

A partir do estruturalismo linguístico, Greimas desenvolveu um sistema semiótico baseado na forma e na substância da expressão e do conteúdo, conceitos estabelecidos, primeiro, por Hjelmslev (1975). Enquanto Saussure via o signo como uma relação entre significante e significado, Hjelmslev ampliou essa concepção ao distingui-los em níveis formais e substanciais (Fiorin, 2003). Por isso, de acordo com Fiorin (2003, p. 37):

Todo texto, um processo, é inicialmente divisível numa linha da expressão e numa linha do conteúdo. Os paradigmas, classes do sistema, têm uma face da expressão e uma face do conteúdo. Para designar a linha e a face por um mesmo termo, Hjelmslev cria as expressões “plano do conteúdo” e “plano da expressão”. Elas não são sinônimos perfeitos dos vocábulos “significado” e “significante”, pois contêm uma dimensão formal, que não estava presente nos termos saussurianos [...].

Essa formulação foi essencial para que Greimas expandisse a análise semiótica para além da linguagem verbal e incorporasse discursos narrativos e culturais. Como afirma Fiorin (2003), o modelo hjelmsleviano abriu caminho para que a Semiótica Francesa transcendesse os limites da linguística estrutural e passasse a se ocupar da significação em um sentido mais amplo. Greimas, ao se apropriar desse esquema, elaborou um *percurso gerativo do sentido* que permitia analisar textos e discursos em diferentes níveis, organizando-os em uma estrutura hierárquica que ia do mais abstrato ao mais concreto (Fiorin, 2003).

Um dos conceitos centrais da semiótica greimasiana, portanto, é o quadrado semiótico, que sistematiza as relações de oposição e contradição dentro dos discursos. Inspirado na lógica aristotélica e nos estudos linguísticos, esse modelo permite mapear as tensões semânticas de um texto e identificar as relações estruturais que determinam seus significados. De acordo com Greimas e Courtés (2021), o quadrado semiótico serve para organizar os conceitos em um esquema de relações que estruturam os sistemas semânticos, permitindo compreender como o sentido emerge das oposições entre os termos.

Além disso, Greimas propôs o já citado percurso gerativo do sentido, um modelo no qual a significação é produzida por meio de três níveis distintos: o nível fundamental, em que se encontram as categorias semióticas mais abstratas e simples; o nível narrativo, no qual os papéis actanciais são organizados em esquemas de ação; e o nível discursivo, que corresponde à concretização da significação nos textos, sendo mais complexo e concreto.

Para Fiorin (2003), a concepção greimasiana de percurso gerativo do sentido baseia-se na ideia de que o significado não é estático, mas resulta de operações estruturais que se manifestam em diferentes camadas de organização textual, daí a estruturação dada por níveis/camadas de significação que se enriquecem semanticamente do mais simples e abstrato (fundamental), até chegar ao mais complexo e concreto (discursivo). Dessa forma, a semiótica francesa propõe um modelo que descreve a construção do sentido de maneira sistemática, desde suas estruturas mais profundas até sua realização material no discurso.

Outro conceito fundamental nessa teoria semiótica é a estrutura actancial, que organiza os elementos narrativos a partir da relação entre sujeito, objeto, destinador, destinatário, ajudante e oponente. Esse modelo deriva das análises de Vladimir Propp sobre a morfologia do conto popular, mas Greimas o adapta para descrever qualquer tipo de narrativa. De acordo com Fiorin (2003), a estrutura actancial proposta por Greimas possibilita uma leitura sistemática dos textos narrativos, identificando as funções que cada elemento desempenha dentro da história. Esse modelo mostra que as narrativas seguem um esquema recorrente, no qual os actantes interagem de acordo com funções bem definidas, a formar um quadro estruturado de relações significantes.

Também foi incorporada à teoria semiótica a noção de modalização, que descreve os mecanismos pelos quais os sujeitos se relacionam com os valores e os objetos de desejo dentro de um discurso. As categorias modais – como poder, querer, dever e saber – determinam as possibilidades de ação dos sujeitos dentro das narrativas e contribuem para a construção dos sentidos. Como destaca Barros (2001), a modalização é um dos princípios centrais da semiótica francesa, pois permite analisar os discursos a partir

dos modos de existência dos sujeitos. Por meio das categorias modais, a teoria geral da significação demonstra que a significação não é apenas resultado de estruturas formais, mas também de relações pragmáticas entre os elementos discursivos.

A aplicação da semiótica greimasiana, assim, vai além do estudo da linguagem verbal e abarca discursos visuais, cinematográficos, culturais etc. Como observa Fiorin (2003), a teoria greimasiana pode ser aplicada na análise de qualquer sistema semiótico, uma vez que seus princípios estruturais são comuns a todas as formas de significação, independentemente do meio pelo qual são expressas. Essa abordagem, por conseguinte, faz com que a semiótica francesa seja uma ferramenta arrojada para compreender fenômenos linguísticos e comunicacionais contemporâneos, sobretudo do ponto de vista do sentido. Sendo assim, vale evidenciar como:

Levando em consideração que a língua é forma e não substância e que esta é resultante daquela, a semiótica pretende fazer uma análise formal do texto, ou seja, estudar o conjunto de relações que produz o significado, aquilo que o texto diz. Por isso, ela analisa não a substância do conteúdo, mas sua forma, ou seja, como o texto diz o que diz. Examina o conjunto de relações responsáveis pela produção do sentido já formado (Fiorin, 2003, p. 49).

No campo da análise do discurso, Greimas influenciou pesquisas sobre a construção da persuasão e da ideologia nos textos. Consoante Barros (2021), a semiótica permite desvendar os mecanismos subjacentes aos discursos políticos e midiáticos, identificando os valores que sustentam a produção do sentido e os efeitos que esses discursos exercem sobre os receptores. Essa contribuição amplia a relevância da semiótica para o estudo das relações sociais e das práticas discursivas, o que acaba por aumentar o alcance dos postulados de Saussure (2017).

Verifica-se, desse modo, que um dos legados mais importantes da semiótica discursiva foi sua capacidade de integrar a tradição estruturalista a uma abordagem mais dinâmica da significação. Demonstra-se, com isso, que o sentido não é algo fixo e inalterável, mas um processo em constante negociação dentro dos sistemas culturais. E, como conclui Fiorin (2003), a semiótica francesa consolidou-se como uma teoria que, ao mesmo tempo que se ancora na tradição estruturalista, propõe uma visão dinâmica da produção do sentido. O modelo greimasiano, logo, mostrou-se extremamente produtivo ao longo das décadas, sendo aplicado a diferentes áreas do conhecimento e dialogando com outras abordagens analíticas.

Em suma, a criação da semiótica por Greimas representa uma evolução do pensamento estruturalista, incorporando e expandindo as teorias de Saussure e Hjelmslev para além da linguística como pensada em suas épocas. Sua abordagem inovadora possibilitou a sistematização da análise do sentido em diversos níveis, tornando-se uma referência para o estudo dos discursos e das narrativas. A relevância de seu trabalho continua a ser reconhecida, e sua teoria permanece um instrumento indispensável para a investigação dos processos de significação nas mais variadas formas de comunicação.

3.4 SINTAGMA E PARADIGMA

A língua é um sistema estruturado no qual cada elemento desempenha uma função específica. Para Saussure (2017), esse sistema é composto por pares opostos que interagem para formar uma estrutura, característica essencial que possibilita a existência de uma língua natural. Os componentes do sistema linguístico mantêm entre si relações de contraste e linearidade, das quais derivam sua significação e valor. Essas relações manifestam-se horizontalmente nos *níveis mórfico, fônico e sintático*, pois envolvem dois ou mais elementos que formam o que Saussure (2017) denomina *sintagma*. Na palavra [casinha], por exemplo, observa-se uma oposição entre o radical [cas] e o sufixo diminutivo [inha], que juntos compõem um sintagma. Conforme Saussure (2017), o sintagma é constituído por dois ou mais elementos consecutivos e não deve ser confundido com a sintaxe, uma vez que o estudo do sintagma se dedica à análise dos elementos mínimos significativos da língua, conhecidos como morfemas, enquanto a sintaxe constitui apenas uma parte dessa análise mais abrangente.

Por essa ótica, a língua se organiza como um acervo linguístico armazenado na mente dos falantes. Cada indivíduo carrega consigo uma série de palavras que, no momento da concretização da língua, são selecionadas e organizadas para compor o enunciado. As palavras que compartilham uma mesma raiz (ou pertencem a uma mesma família) associam-se na memória e formam grupos

interconectados, estabelecendo múltiplas relações entre si. Essas associações ocorrem verticalmente no nível mórfico, fônico e semântico, dando origem ao que Saussure (2017) chama de *paradigma*.

Dessa forma, distinguem-se dois tipos fundamentais de relações entre os termos da língua, as quais “[...] se desenvolvem em duas esferas distintas...” e “[...] correspondem a duas formas de nossa atividade mental, ambas indispensáveis para a vida da língua” (Saussure, 2017, p. 142). O primeiro tipo são as *relações sintagmáticas*, enquanto o segundo tipo corresponde às *relações paradigmáticas*.

As *relações sintagmáticas* dizem respeito aos encadeamentos lineares que conectam as partes de um sintagma, bem como os vínculos estabelecidos entre diferentes sintagmas. Essas relações podem ocorrer entre fonemas, determinante e nome, sujeito e predicado, entre outros elementos. Caracterizam-se por sua disposição ordenada na língua, manifestando-se em uma sucessão de elementos de número determinado. As relações sintagmáticas são observadas nos grupos de palavras organizados em uma série efetiva de dois ou mais elementos que compõem o sintagma, podendo referir-se tanto à sequência temporal da produção sonora quanto aos segmentos lineares da escrita. Por esse motivo, são consideradas como pertencentes à primeira dimensão da língua.

Já as *relações paradigmáticas*, por outro lado, envolvem a associação de elementos que possuem características em comum e que podem ser comparados com base na unidade de sua estrutura. Como pudemos observar, a estrutura da língua está para o sintagma assim como o sistema está para o paradigma. Diferentemente do sintagma, cuja organização é ordenada e obedece a critérios de tempo e espaço, o paradigma agrupa elementos de forma mais livre, sem uma ordenação pré-determinada, em números potencialmente indefinidos. De acordo com Saussure (2017, p. 146): “Um termo dado é como o centro de uma constelação, o ponto para onde convergem outros termos coordenados cuja soma é indefinida”. Assim, no paradigma, os termos associados podem pertencer a categorias diversas, como radicais, sufixos, significados, consoantes, verbos, fonemas ou partes do discurso, destacando a amplitude de possibilidades associativas existentes na língua.

Em síntese, a distinção entre as relações sintagmáticas e paradigmáticas, bem como a compreensão de seus respectivos papéis na estrutura da língua, reforça o caráter sistemático e organizado do sistema linguístico delineado por Saussure (2017). As relações sintagmáticas garantem a linearidade e a coesão dos elementos no enunciado, enquanto as relações paradigmáticas oferecem flexibilidade e riqueza ao sistema, permitindo a associação de termos com base em características compartilhadas. Juntas, essas dimensões revelam a complexidade da língua como um sistema dinâmico de signos interdependentes, alicerçado em contrastes e associações que tornam possível a produção e a interpretação de significados.

Dessa forma, a teoria saussuriana continua a ser uma base essencial para o estudo da Linguística, em particular porque instrumentaliza análises que envolvem a natureza dos fenômenos linguísticos e suas relações não só estruturais, como também comunicacionais.

4 CONCLUSÃO

Os estudos desenvolvidos por Ferdinand de Saussure, mesmo que muito criticados, proporcionaram uma reconfiguração epistemológica fundamental para a Linguística de sua época, além de estender-se contemporaneamente, instituindo-a como ciência autônoma e sistemática. Sua concepção da língua como um sistema de signos estruturado por relações de oposição e dependência interna estabeleceu as bases para o Estruturalismo, visto que influenciou diretamente a formulação de abordagens subsequentes, o que inclui a teoria hjelmsleviana e, depois, a formação da semiótica greimasiana. A distinção entre língua e fala, sincronia e diacronia, significado e significante, sintagma e paradigma, bem como a definição do signo linguístico como arbitrário e linear, foram postulados que transformaram a compreensão do funcionamento da linguagem e forneceram os alicerces para investigações posteriores acerca da produção do sentido.

Em continuidade teórica e epistemológica ao projeto saussuriano, Louis Hjelmslev aprofundou e sistematicamente refinou os conceitos estruturais da linguagem ao propor a Glossemática, modelo no qual a linguagem é analisada a partir de seus planos formal e substancial. Sua formulação teórica ampliou a dicotomia entre significante e significado, possibilitando a separação entre forma e

substância nos planos da expressão e do conteúdo. Esse refinamento conceitual foi essencial para o surgimento da Semiótica Francesa, uma vez que forneceu a Greimas o arcabouço necessário para sistematizar o estudo do sentido em diferentes níveis e contextos discursivos. A estruturação do percurso gerativo do sentido, do quadrado semiótico e da estrutura actancial demonstra como a semiótica greimasiana consolidou-se como um modelo de análise que transcende a Linguística, permitindo a investigação dos processos de significação em sistemas simbólicos mais amplos.

A trajetória teórica iniciada por Saussure, desenvolvida por Hjelmslev e sistematizada por Greimas reflete não apenas a evolução da Linguística e da Semiótica, mas também a relevância contínua dessas abordagens na interpretação da linguagem e dos fenômenos discursivos contemporâneos. A capacidade dessas teorias de dialogar com novas perspectivas e de se adaptar às demandas analíticas modernas evidencia sua solidez e pertinência. O Estruturalismo Linguístico, a Glossemática e a Semiótica Francesa continuam a fornecer instrumentos fundamentais para compreender como os sentidos são construídos, articulados e transformados, demonstrando que os postulados dessas tradições teóricas permanecem indispensáveis para a análise da linguagem e da comunicação nas ciências humanas.

Em síntese, face aos expostos, constata-se que a concepção saussuriana da linguagem desempenhou um papel fulcral na elucidação do fenômeno linguístico, além de consolidar a Linguística como uma ciência de referência no âmbito das ciências humanas. Sua relevância é de tal magnitude que, há décadas, constitui um conteúdo essencial nos currículos universitários dos cursos de Letras, Linguística, Comunicação e áreas afins. No entanto, é importante salientar que as teorias sobre a linguagem não se limitam ao Estruturalismo, uma vez que este continua a ser objeto de questionamentos e reflexões críticas, impulsionando novos desdobramentos teóricos e, também, metodológicos.

REFERÊNCIAS

- BARROS, D. L. P. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. 3. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.
- BARROS, D. L. P. A mentira e o humor no discurso político brasileiro. *Estudos Semióticos*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 1-12, 2021. Disponível em: <https://scispace.com/pdf/a-mentira-e-o-humor-no-discurso-politico-brasileiro-3epkf2i6wz.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2025.
- CAMARAJÚNIOR, J. M. *História da Linguística*. Tradução de Maria do Amparo Barbosa de Azevedo. 4. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1986.
- FIORIN, J. L. O projeto hjelmsleviano e a semiótica francesa. *Galáxia*, São Paulo, n. 5, p. 19-52, 2003. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1314>. Acesso em: 04 nov. 2025.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021.
- HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma Teoria da Linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.
- TATIT, L. *Hjelmslev e as Bases Tensivas do Semissimbolismo*. São Paulo: Editora do CPS, 2014.



Recebido em 31/01/2025. Aceito em 07/08/2025.

Publicado em 15/12/2025.